



TESSITURAS DE DESTINOS: MEMÓRIA E HISTÓRIAS DE VIDA DE PROFESSORAS CAMPINENSES DOS ANOS 1990

Alianna Batista da Silva; Jéssica Salvino Mendes

Universidade Estadual da Paraíba- UEPB

alianna_silva11@hotmail.com ; jesticasalvinom@gmail.com

RESUMO: Este trabalho se detém ao estudo da temática que envolve a história de vida de mulheres docentes dos anos de 1990 de Campina Grande, com o principal objetivo de compreender, a partir do diálogo entre História e Educação, a trajetória de vida de professoras campinenses através de suas memórias e representações do cotidiano escolar. Propomos articular as discussões entre gênero e docência na História da Educação através do trabalho com memória, prática docente e vida de professoras, uma vez que as experiências vividas reconstróem o passado ao tecer suas representações no presente. Discutimos sobre a história de vida de professoras campinenses a partir do campo da História Cultural, cujos conceitos trabalhados foram memória, representações, práticas culturais, identidade, gênero e educação, tendo como auxílio as principais contribuições teóricas Louro (2010), Scott (1990), Matos (2013), Delgado (2012) e Pedro (2005). A metodologia abordada foi a história oral temática, utilizando a trajetória destas docentes no contexto educacional. Para tanto, realizamos entrevistas semiestruturadas com duas professoras da disciplina de História do ensino básico da rede pública da cidade de Campina Grande, valorizando a importância destas discussões no campo da historiografia ao perceber, compreender e interpretar os sentidos que cercam as invenções culturais e sociais, em suas transformações, rupturas e continuidades no contexto histórico na percepção das subjetividades das mulheres docentes.

Palavras-Chave: Docência. Memória. Mulheres. Representatividades.

INTRODUÇÃO

Nossa proposta se baseia em articular as discussões entre gênero e docência na História da Educação através do trabalho com memória, prática docente e vida de professoras, uma vez que as experiências vividas reconstróem o passado ao tecer suas representações no presente.

Temos como objetivo geral compreender, a partir do diálogo entre História e Educação, a trajetória de vida de

professoras campinenses através de suas memórias e representações do cotidiano escolar. Como objetivos específicos, apresentamos as seguintes perspectivas: discutir sobre a memória de história de vida de professoras e a importância destas para a História da Educação campinense, como também analisar as representações construídas pelas professoras campinenses do cotidiano escolar e de suas vivências pedagógicas, articulando os discursos entre gênero e docência da História da Educação a partir do



trabalho com a memória e as práticas de docência e vida de professoras.

De que modo as professoras campinenses representavam o cotidiano escolar na sua prática docente a partir de suas narrativas de histórias de vida?

“Em cada movimento da história entrecruzam-se tempos múltiplos” (DELGADO, 2003, p. 12). Com isso, o recorte temporal do qual nos apropriamos se volta para os anos 1990, observando a necessidade de exploração das lacunas destes anos na área de História. Foi nos anos 1990 que ocorreram reformas na educação, em seus vários níveis e modalidades de ensino. Era um momento marcado pelo pós-Ditadura Militar e a inserção do governo neoliberal, reforçando a continuidade da preocupação com uma educação básica que formasse jovens para a inserção no mercado de trabalho, abrindo as portas para a intensificação da atuação feminina.

Justificamos a escolha da temática abordada por este trabalho por meio da busca no entrecruzamento das narrativas, ao contar histórias de vida docente através das memórias de um tempo em que as vivências docentes foram construindo espaços de sentidos.

Deste modo, a sala de aula não é apenas um lugar de ensino e aprendizagem para alunos, mas é também um lugar em que as

professoras vão vivenciar momentos de sensibilidades múltiplas, partícipes de saberes e aprendizagens que surgem por outro viés.

METODOLOGIA

Temos o entendimento de que a “história oral é uma metodologia que permite a produção de narrativas como fontes do conhecimento, mas principalmente do saber” (DELGADO, 2003, p. 23), ao utilizá-la como registro de experiências caracterizadas pela arte de contar. Destarte, dispomo-nos, diante dos labirintos biográficos, a pensar de que modo a representação se faz construída através das práticas narradas dos relatos de vida.

Por meio disto, a metodologia utilizada foi escolhida através da história oral em interface com os estudos biográficos, os quais têm a participação de entrevistas que narram a história de vivências e experiências docentes, disponibilizadas por duas professoras do ensino básico da rede pública de Campina Grande, que se encontram no final da carreira.

Os sujeitos participantes desta pesquisa e que contribuíram com as entrevistas foram as professoras Maria da Guia Vieira de Torquato, que possui 25 anos de profissão docente, trabalha na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Sólon de Lucena, e Maria das Graças Batista



de Almeida, que com 35 anos de docência atua na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor Raul Córdula. Ambas lecionam a disciplina de História e se dispuseram a colaborar de forma enriquecedora com a proposta do trabalho sugerido, de modo que foram escolhidas por integrarem a equipe de professoras que orientam alunos nos primeiros anos de estágios supervisionados nas escolas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O campo da História paulatinamente possibilitou em suas análises tendências que estavam à margem da historiografia. Entre elas, a História das Mulheres, que, por ser apontada como uma “história militante”¹, passou por várias resistências, gerando desconfiança quanto à sua devida importância para discussões nos estudos que envolvem feminismo, relações de gênero e movimento de mulheres. Entretanto, dentro das categorias de análise no campo historiográfico, historiadores e historiadoras estão dando oportunidade para que esses estudos se

¹ As histórias que emergem de movimentos sociais no campo historiográfico passam pelo processo de resistência por parte de alguns historiadores nos estudos de categorias que não possuem uma história de caráter “científico”, sendo acusadas de “história militante”. Como exemplo, temos a história que parte do Movimento Feminista, Movimento LGBT, Movimento de Trabalhadores e Sindicatos, Movimento dos Sem-Terra, entre outros.

desenvolvam e se percebam dentro dos domínios de estudo do campo da História.

As novas tendências emergentes na historiografia possibilitaram renovação metodológica e conceitual, levando ao questionamento das universalidades, permitindo a descoberta de outras experiências, entre elas as das mulheres, [...] restituindo a elas a sua própria história (MATOS, 2013, p. 06).

A história das mulheres aos poucos foi se ajustando aos debates de análise sobre o conceito de gênero, que faziam referência à diferença sexual, e também aos espaços de visibilidade das mulheres na sociedade, pois elas se viam insatisfeitas com seus restritos lugares de atuação e por serem percebidas pela “fragilidade feminina”. Enfatiza-se que:

Era justamente pelo fato de que as palavras na maioria das línguas têm gênero, mas não tem sexo, que os movimentos feministas e de mulheres nos anos oitenta passaram a usar a palavra “gênero” no lugar de “sexo”. Buscavam, desta forma, reforçar a ideia de que as diferenças que se constatavam nos comportamentos de



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

homens e mulheres não eram dependentes do “sexo” como questão biológica, mas sim eram definidas pelo “gênero” e, portanto, ligadas à cultura (PEDRO, 2005, p. 78).

Algumas mulheres buscaram ter voz e dar voz aos seus ideais e princípios com base em ideologias que buscavam discutir o sentido das identidades de gênero. Isto demonstra que os espaços de atuação entre homens e mulheres podem ser e são múltiplos. Ademais, era preciso reconstruir as atenções que estavam sendo direcionadas para estes gêneros, com base em outra perspectiva para o lugar da mulher na sociedade, de modo que não fosse aquela predominante até então, em que o masculino era hierárquico e dominante.

Em diferentes etapas, foram propostos para muitas mulheres ideais de conquista e de autoconfiança, com a visão do desejo de serem percebidas a partir de outra perspectiva. Passaram a desenvolver ideias que rompiam com os preceitos do conceito de sujeito universal, fazendo-se perceber que existem sujeitos, e cada qual possui diferentes identidades. Para as mulheres, esse foi o momento de perceber que as construções dos discursos culturais poderiam ser engendradas de outras formas. Elas passaram a constatar

que os sentidos das subjetividades precisavam ser vistos mediante outras representações. Por meio disto, as feministas começaram a utilizar a palavra ‘gênero’ mais seriamente, no sentido mais literal, como uma maneira de referir-se à organização social da relação entre os sexos (SCOTT, 1990, p. 02).

E interessante perceber como a categoria gênero nas relações de organização social propôs formas de desconstrução na percepção histórica da participação de mulheres e homens nos espaços sociais que compreendem lugares restritos aos determinados sujeitos, propondo que ambos entendam sua identidade comum partindo para a intenção de ação política.

Desta feita, na historiografia, foi inevitável perceber a importância da história das mulheres, e principalmente de suas histórias de vida, partindo de reflexões que fazem referência às suas narrativas, aos seus diários, aos poucos lugares de vivência e convivência, às suas representações, identidades e memórias, para que, por meio disto, fosse possível elaborar ricas contribuições para a percepção de um novo olhar para elas, evidenciando as construções direcionados às mulheres no contexto histórico, como também a busca pela desconstrução, contribuindo para análises de conhecimento na historiografia contemporânea.



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Quando partimos para a análise de gênero na categoria histórica referente à História das Mulheres no contexto da sala de aula, podemos observar que a presença de fontes é riquíssima. Primeiramente, temos salas de aula com perfil de participação masculina e que gradativamente tiveram seus espaços preenchidos por mulheres, fazendo com que o magistério, antes masculino, se tornasse uma profissão de características femininas, principalmente no tocante à educação dos anos iniciais.

Há algumas décadas, a educação concedida às meninas na infância era de cunho moralizante, para construção de uma mulher que deveria cumprir seus deveres para com o lar e as atividades domésticas, como esposa e mãe. Para os meninos, a educação se voltava para a instrução do conhecimento de informações que formassem homens inteligentes. A educação para as meninas, desde muito cedo, era justificada pela função social de educadora dos futuros filhos, uma educação materna, em que a formação cristã “[...] seria a chave principal de qualquer projeto educativo” (LOURO, 2010, p. 447). Para os meninos, primava a cultura de que o homem tinha de ser o provedor do lar, mediante concepções e formas de educação múltiplas para eles e para elas.

Sob diferentes concepções, um discurso

ganhava hegemonia e parecia aplicar-se, de alguma forma, a muitos grupos sociais a afirmação de que as “mulheres deveriam ser mais educadas do que instruídas”, ou seja, para elas, a ênfase deveria recair sobre a formação moral, sobre a constituição do caráter; sendo suficiente, provavelmente doses pequenas ou doses menores de instrução (LOURO, 2010, p. 446).

Com base nessas concepções, a atividade docente foi iniciada por homens. As primeiras escolas normais contam com a participação inicialmente de professores e professoras, contendo em sua maioria homens. Entretanto, os homens aos poucos foram deixando o magistério e o número de mulheres professoras passou a ser cada vez maior. Assim, iniciava-se um momento que originava a “feminização do magistério”. Enquanto isso, os homens seguiam rumo a outras oportunidades profissionais que vinham surgindo no processo de urbanização e industrialização na sociedade.

O processo não se dava com o cenário de resistências ou críticas. A identificação da mulher com a atividade docente, que hoje parece a muitos tão natural, era alvo de discussões, disputas e polêmicas (LOURO, 2010, p. 449). O espaço comum em que as mulheres conviviam eram a igreja e o lar. Ao



ingressarem no magistério, seus atos eram de certa forma vigiados, pois elas tinham uma imagem e postura a zelar em sociedade.

Entre os vários discursos arquitetados neste processo histórico da atuação feminina no magistério, alguns despertavam a atenção por relacionar as mulheres como seres próprios para o desempenho do magistério, pois elas seriam “naturais educadoras” para cuidar das crianças pela sua docilidade, e a representação proporcionada pela profissão proporcionava uma “extensão da maternidade”. Nesse diapasão, a entrada da mulher no magistério ia cada vez mais se intensificando, passando a ser associadas ao magistério características tidas como ‘tipicamente femininas’: paciência, minuciosidade, afetividade, doação (LOURO, 201, p. 450).

Os espaços das salas de aula nas escolas normais ficaram repletos de jovens mulheres que, em sua formação docente, propunham-se à responsabilidade de construir e oferecer aos seus alunos saberes e valores. É de modo controlado e planejado que se forma o cotidiano das escolas, pois o método organizacional e as metodologias de ensino então vigentes nas instituições, em especial nas salas de aula, tinham como objetivo ocupar o tempo, concentrando proibições mediante as normas, doutrinas e símbolos de

como essas mulheres poderiam se comportar em seu lugar docente.

A representação da mulher do magistério passou a ganhar várias facetas no contexto histórico. A professora, no decorrer dos anos, foi investida de outra imagem, de “mulher pouco graciosa” e/ou de “solteirona retraída” perante os discursos que buscavam representá-la em seus espaços de sociabilidade. Era a construção do discurso de representação que esporadicamente via a mulher como referência de críticas, questionamentos e resistências. Elas, por sua vez, ao se redefinirem e se reinventarem, foram a passos lentos dando sentido à construção do que era ser professora, resistindo através de táticas em suas realidades cotidianas acerca do controle do discurso dos sujeitos que falavam sobre elas.

As representações de professoras construídas em caráter histórico-social passaram por transformações, marcadas também por algumas continuidades. Contudo, incorporaram outras perspectivas para as mulheres professoras que, mediante as transformações de sua postura social e representatividade, faziam-se diferentes em suas práticas sociais.

O magistério primário não mais era um lugar de mulher. As mulheres professoras agora personificam outras subjetividades. Elas passam a se especializar em suas respectivas



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

áreas de categorias de ensino (infantil, fundamental, técnico, entre outras), conduzindo o profissionalismo a valorizar mais profusamente sua representação enquanto docentes. A categoria de professores e professoras passou a se sindicalizar. Desse modo, é outro sujeito social se constituindo, é outra representação de mulher professora, com outras performances e apresentações no espaço social.

Essa nova representatividade atribuiu no contexto histórico de mulheres professoras outros sentidos de perceber as marcas deixadas pelo passado. É possível provocar reflexões sobre as relações de gênero no espaço da sala de aula, para que, por meio disto, seja possível compreender a importância das histórias de vida de mulheres docentes. São histórias que, em sua grande maioria, estão atravessadas por múltiplas representações, doutrinas, práticas sociais, cujos principais argumentos eram construídos por discursos de poder e imposição de uma sociedade em que o ser visível era o masculino.

Deste modo, nas últimas décadas do século XX, o país passou por algumas alterações demográficas, culturais e sociais que influenciaram positivamente o aumento do trabalho feminino, alterando também o crescimento de famílias chefiadas por mulheres. Bruschini (2007) afirma que:

No ensino superior, elas ampliaram significativamente sua presença na década analisada, superando os homens, a ponto de, no ano de 2005, a parcela feminina entre os formados ter atingido 62%, como revelam dados do Censo do Ensino Superior, realizado pelo Ministério da Educação. Contudo, as escolhas das mulheres continuam a recair preferencialmente sobre áreas do conhecimento tradicionalmente “femininas”, como educação (81% de mulheres) BRUSCHINI, 2007, p. 547).

As brasileiras passam a ter cada vez mais acesso à educação e aos cursos superiores, marcando presença mais expressiva com relação ao número de homens, o que gera impacto sobre o maior número de ingressos das mulheres no mercado de trabalho, tendo como principal área de atuação a educação.

Mediante a pesquisa realizada a Professora Maria da Guia relata: “Eu queria estar na escola” (informação verbal²). Esta é a frase que lhe pertencia durante a infância nos anos de escola, e que marca com autenticidade a escolha da profissão. Segundo suas narrativas, a Professora Maria da Guia

² Entrevista concedida por Maria da Guia Vieira Torquato à pesquisadora em 2016.



relembra, através de grande emoção em seus fragmentos de memória, que o fervor em estar presente na escola durante essa fase está relacionado à representação que tinha de suas professoras:

As professoras eram como mães. Beijavam, abraçavam, e uma, duas vezes por semana visitavam as crianças nas casas, interagem com muita comunicação, era muito interessante, elas tinham uma dedicação tão grande que nos finais de semanas visitavam (informação verbal³).

É interessante perceber como a representação da professora acolhedora desperta a atenção das crianças em suas fases iniciais de escola. Com a Professora Maria da Guia não foi diferente. O entusiasmo ao lembrar esse momento que viveu está fortemente marcado por um lugar comum, que é a sala de aula.

Durante a adolescência, a Professora Maria da Guia relata que já sentiu algumas modificações nas práticas educativas de seus professores, bem como na metodologia de ensino. Porém, nunca se deixou desestimular, pois a escolha da profissão já estava marcada pelas recordações da infância, através de suas brincadeiras de bonecas: “Desde criança que eu pegava minhas bonecas, colocava e tome

aula, tome aula, tome aula, aí eu dizia assim: eu vou ser professora” (informação verbal⁴).

Por meio disto, podemos compreender que a estrutura afetiva em que os sujeitos se veem enredados proporciona algum modo de relação com a produção de conhecimento, pois, em determinadas fases da vida, o processo cognitivo-afetivo contribui para a produção do simbolismo na realidade social. Como menciona Bastos (2003, p. 168):

A ação de entender e de dar sentido ao mundo envolve, simultaneamente, processos cognitivo-afetivos. Significa que tanto o conhecimento quanto o sentimento estão presentes no processo de construção da significação simbólica, cuja base de produção é a realidade social.

Logo, é por meio das experiências profissionais que muitos saberes sociais são adquiridos com base na afetividade advinda do processo de construção simbólica. O sentimento se faz presente no método que desencadeia as representações englobadas pela docência em sua linha de conhecimento, o que pode ser justificado através das histórias de vida docente.

³ Idem.

⁴ Entrevista concedida por Maria da Guia Vieira Torquato à pesquisadora em 2016.



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

A professora Graças Almeida relembra que começou a ensinar com 16 anos de idade nas escolas particulares da cidade de Campina Grande, com a necessidade e o desejo de trabalhar na área da educação, com a intenção de fazer o diferencial em meio a vários desafios que enfrentou em sua história de vida enquanto aluna. Sua primeira escola de atuação foi na Escola 16 de Julho, onde teve a oportunidade de lecionar aulas de Inglês. Ao falar sobre o assunto, recorda a seguinte lembrança:

Eu, fazendo Estudos Sociais, aí Bernadete (Diretora da escola) precisava muito de mim. Aí disse: “Graças, é importante, mulher, eu estou precisando de uma professora para dar aula de Inglês”. “Mas eu faço Estudos Sociais. Arranja História para mim ou Geografia”. Aí, ela disse: “não, só tem vaga para inglês”. Então, eu comprei um livro, *Let's Have Fun*. Decorrei este livro todinho, passei a comprar livros e mais livros de Inglês e ensinei 10 anos Inglês (informação verbal⁵).

O seu objetivo em ser professora foi direcionado pelo desejo de exercer uma prática educativa que se diferenciasse das práticas metodológicas que eram até então

exercidas pelos seus professores. Buscou, então, produzir conhecimento de modo satisfatório e prazeroso, para que jovens e adolescentes elaborassem a sua própria visão de mundo. Conforme argumenta:

Eu fui ser professora de História como um desafio, para nunca bater em aluno meu e fazê-lo gostar de História. Porque eu apanhei muito da minha professora do primário [...] pra mim, foi um desafio, assim, eu quero ser professora de História pra usar uma metodologia que meu aluno goste, que meu aluno não se sinta punido, que ele aprenda História por prazer [...] (informação verbal⁶).

O que ambas têm em comum? A escolha de um caminho do qual não optaram por regressar. Buscaram narrar suas lembranças para não serem esquecidas. Narraram suas memórias para contar-se, atribuindo significados às suas práticas e formas de agir e sentir nas vivências de suas histórias de vida.

Tornaram-se professoras porque foram desafiadas em optar pela docência, visto que essa vontade era sempre desejada. As práticas docentes exercidas por elas comprovam que, a

⁵ Idem.

⁶ Entrevista concedida por Maria das Graças Batista de Almeida à pesquisadora em 2016.



cada dia na sala de aula, era possível se reinventar e se eternizar nas lembranças de seus alunos.

Mediante a pergunta relativa à experiência da docência e a representatividade desta na história de sua vida, a Professora Maria da Guia responde:

Foi uma lição de vida, uma experiência muito grande, possa ser que os colegas acha até uma hipocrisia, mas eu amo. Tenho meus alunos como filho meu. Foi uma profissão que eu sou realizada mesmo com esse salário, mas eu sou realizada pela escolha da profissão, pela disciplina também, eu sou porque, representou e representa para mim uma forma gratificante [...]. Eu já encontrei aluno meu que me abraçou, ele é piloto, parou, ele me abraçou, ele chorou, todo bonito, piloto, chega a lágrima dele desceu, e disse: “professora, eu nunca esqueci da senhora”. (informação verbal⁷).

Através da fala da Professora Maria da Guia, percebemos o quão significativa foi a escolha da profissão em sua realização pessoal, pois, ao ver seus alunos seguindo diversas profissões, ela se vê como agente responsável pela construção do conhecimento para o qual, de modo direto ou indireto, teve a

⁷ Entrevista concedida por Maria da Guia Vieira Torquato à pesquisadora em 2016.

sua contribuição como docente. A representatividade da docência extrapola as proporções da sala de aula. É a sensação do prazer que não tem valor.

A Professora Maria das Graças afirma que “ser docente é tudo. Olhe, eu amo História, eu respiro História, eu almoço História, eu janto História” (informação verbal⁸). Para ela, não é possível separar a vida profissional da vida pessoal, se coincidentemente o conhecimento que ela provoca em sala para seus alunos também se faz atuante nos processos históricos que presencia como professora de História.

A representatividade da docência nestas histórias de vida marca momentos em que o conhecimento se faz entrelaçado com o sentimento. É saber que as formas de atuação em sala de aula convidam a caminhar por passos não imaginados.

CONCLUSÃO

Exercer a profissão docente é, de modo simples, assemelhar-se a uma viajante que trilha para si uma rota, mas, em cada uma de suas viagens, tem o prazer de experimentar outros caminhos com a sede de dar passos em outros horizontes, em busca de outras descobertas que enriqueceram sua viagem,

⁸ Entrevista concedida por Maria das Graças Batista de Almeida à pesquisadora em 2016.



que oferecem vidas ao passo que moldam os espaços vivenciados.

Ser professora está baseado em uma perspectiva que ultrapassa os limites de sua representatividade. É poder se moldar às situações do momento e vivências por meio seu conhecimento, sentimento e experiência de vida. É fazer de si, da sua autoimagem, o que um dia foi elaborado em sonhos. A intimidade desses sonhos se faz construída através de ações e práticas. É ser aquilo que não está proposto no currículo oficial. É ser o que a alma pode doar.

As lembranças são marcadas por fortes momentos em que as sensações se fazem múltiplas. São momentos que não podem ser apenas profissionais, pois o processo cognitivo-afetivo, em determinadas oportunidades, torna-se atuante no espaço da sala de aula. E é por meio disto que várias lembranças que temos são registradas em nossas mentes por revelarem muito mais que simples momentos, mas as sensações evocadas pelas suas representatividades. Ser professora é estar diante de lembranças que podem simplesmente desaparecer do gaveteiro de memórias e se reconstituírem quando despertadas.

REFERÊNCIAS

BASTOS, Maria Helena Camara. Memoriais de professoras: reflexões sobre uma proposta. In: MIGNOT, Ana Crystina Venâncio;

CUNHA, Maria Teresa Santos (Orgs.). **Práticas de memória docente**. São Paulo: Cortez, 2003.

BRUSCHINI, Maria Cristina Aranha. Trabalho e gênero no Brasil nos últimos dez anos. **Cadernos de Pesquisa**, v. 37, n. 132, set./dez. 2007.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. Historial oral e narrativa: tempo, memória e identidades. **História Oral**: Revista da Associação Brasileira de História Oral, São Paulo, n. 6, p. 9- 25, jun. 2003.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: DEL PRIORE, Mary (Org). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2010.

MATOS, Maria Izilda Santos de. Histórias das Mulheres e das relações de gênero: **Campo historiográfico, trajetórias e perspectivas**, Mandrágora, v. 19, n.19, 2013, p. 5-15.

PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. **Revista Brasileira de História**, v. 24, n.1, 2005, p.77-98.



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Revista Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p 5-22, 1990.

